

A TRADUÇÃO E O ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM MACAU

*Zeng Yongxiu e Huang Huixian **

O ensino do português como língua estrangeira em Macau reveste-se de um particular significado, sendo uma necessidade para a preservação da cultura portuguesa junto da cultura chinesa no Território, no contexto multicultural de que tem vindo a fazer parte nestes últimos mais de quatrocentos anos. Esta necessidade é garantida pela Declaração Conjunta e pela Lei Básica, que prevêm que possam manter-se em funcionamento as duas línguas, chinesa e portuguesa, como línguas oficiais em pé de igualdade. Manter as duas línguas é também uma necessidade quando se pretende continuar a desenvolver o intercâmbio e cooperação entre os dois povos. A história do progresso da Humanidade demonstra que o intercâmbio conduz ao progresso e que, quanto mais estreito for o intercâmbio, maior será o progresso. Macau tem sido um ponto de encontro cultural, porque tem sido uma ponte, através da qual gentes e ideias circulam. Este papel que unanimemente se lhe reconhece, não pode ser enfraquecido, mas, para tanto, é preciso reforçar e fortalecer o ensino do português, pois o português é um dos dois pilares dessa ponte.

1. REALIDADES

Como melhorar então o ensino do português como língua estrangeira no Território?

Numa conferência intitulada «Ensinar português a estrangeiros: estratégias pedagógicas e táticas didáticas», realizada em Macau em 1995, o Professor Catedrático da Faculdade de Letras do Porto, Salvato Trigo, disse: «Não é correcto utilizar as mesmas estratégias que são utilizadas para um cidadão nacional, que tem uma identidade cultural, quando do outro lado está um destinatário que, tendo outro tipo de cultura, muitas vezes diferente da nossa, vem ao português para acres-

* Professores do Instituto Politécnico de Macau (IPM).

centar às suas ferramentas de trabalho mais uma que na sua perspectiva lhe é útil». Gostaríamos de fazer nossas as palavras de Salvato Trigo, pois acreditamos que o ensino do português como língua estrangeira em Macau só poderá atingir o seu objectivo didáctico quando se adoptar uma estratégia pedagógica e uma metodologia didáctica que dêem resposta às realidades do Território e às características dos alunos do idioma luso que têm o chinês como língua materna.

Pretendemos assim, abordar aqui as realidades particulares de Macau e dos seus alunos e, depois, o papel que o ensino da tradução e interpretação deve desempenhar no ensino do português, assim como alertar para algumas medidas que se podem tomar no sentido de melhorar esse ensino.

Para identificar as realidades locais, convém-nos proceder aqui a uma exposição sobre a grande diferença existente entre as duas línguas, que pertencem a famílias linguísticas tão diferentes como são a indo-europeia e a sino-tibetana.

Muitos tradutores ocidentais afirmam que os «falsos amigos» são o grande inimigo da tradução (de uma língua ocidental para outra também ocidental), pois muitas vezes conduzem o tradutor a mal-entendidos, cujo produto são más traduções. É verdade. No entanto, e no que diz respeito às línguas portuguesa e chinesa, a este nível, o problema reside na ausência dos chamados «falsos amigos». Enquanto entre duas línguas ocidentais, sobretudo de origem latina, uma grande parte dos termos e expressões e uma parte considerável da estrutura linguística são muito semelhantes, ou até idênticos, particularmente e pelo menos ao nível da forma e pronúncia, a língua chinesa, por sua vez, apresenta-se como uma realidade completamente diferente a todos esses níveis. Os tradutores ocidentais procuram assim evitar o engano dos «falsos amigos», enquanto os tradutores que trabalham com o chinês e línguas ocidentais, perdem-se na procura de «amizades» ou «associações» que possam estabelecer certa relação entre as duas línguas. Por outras palavras, por um lado, as semelhanças entre certas línguas ocidentais são físicas, materiais, visíveis e generalizadas, revelando-se através dos seus aspectos fono-morfológicos, embora existam também falsas semelhanças; entre o chinês e uma língua ocidental, no entanto, essas semelhanças são quase inexistentes, ou são insignificantes quando existem, obrigando o tradutor e o aluno chinês de uma língua ocidental a um esforço suplementar, já que, formalmente, as duas línguas não se identificam. Embora haja falsas semelhanças a evitar - e estas são raras - o aluno deve recorrer quase exclusivamente à memória, se quer aprender a língua. Ao que adquiriu nas aulas e assimilou no uso prático da língua, vem juntar-se a ajuda do professor, que melhor ou pior tentou, através da sua prática, consolidar um elo invisível, e artificialmente estabelecido, entre as duas línguas. O termo «locomotiva», tem por equivalentes em chinês, literalmente, «cabeça de comboio» (huochetou) ou «máquina de comboio» (huoche jiqe); perante o termo «locomotiva» em português, escrita ou oralmente, o aluno pode quanto muito fazer

uma aquisição imediata dos sons «lo»-«co»-«mo»-«ti»-«va», cinco sílabas que em nada correspondem ao chinês; não havendo qualquer paralelismo na língua de chegada, que é o chinês, isto exige ao tradutor um recurso suplementar - e cansativo! — à memória ou a esquemas de relação prévia e artificialmente estabelecidos; e do chinês para o português, do mesmo modo, o que de imediato é assimilado, é a ideia de «cabeça de comboio» ou «máquina que puxa o comboio», não havendo semelhança intrínseca formal com a língua de chegada, e tendo o aluno que procurar um relacionamento ao nível da ideia que o termo comporta. Neste exemplo, usa-se um objecto concreto, simples e visível; o problema agrava-se quando se trata de uma ideia abstracta ou de uma expressão complicada. Isto é um fenómeno generalizado a que se procura fazer face e dar resposta através de eventuais «análises aprofundadas» durante as aulas de português, por forma a ajudar o aluno chinês a estabelecer um bom (ou apenas possível, embora deficiente) relacionamento entre as duas línguas. As mnemónicas usadas são por vezes destituídas de qualquer fundamento ou valor etimológico. Regressemos ao exemplo do termo «locomotiva». «Loco» pode associar-se a «local», podendo estender-se a ideia a «vagão», e «motiva» pode associar-se a «motivar», «deslocar» e finalmente «puxar»; embora incorrecta, esta análise pode ajudar o aluno a localizar, ou estabelecer uma relação a um certo nível, entre as duas línguas.

Do acima exposto podemos ficar com uma ideia inicial sobre as realidades locais de Macau ao nível linguístico. Outro aspecto importante para proceder à identificação que pretendemos é o nível da cultura.

Sendo esta uma questão para que todos os professores estão alertados, limitamos a nossa abordagem do problema a um exemplo, simples. Diz-se em português, «comer sopa», e não «beber sopa», este é um erro comum entre os alunos chineses, como faz notar o Dr. Lei Heong Iok, no livro «Os erros comuns que os chineses cometem na aprendizagem do português». Aparentemente um problema linguístico, trata-se, na realidade, de um «erro» ao nível da cultura. Em primeiro lugar, «sopa», «caldo», «água de cozer vegetais», todos utilizam em chinês o mesmo carácter. As sopas chinesas são sobretudo caldos, enquanto as sopas portuguesas são geralmente de tipo mais espesso, chamadas puré, como puré de feijão, etc. Muitas vezes os chineses bebem a sopa, levando a tigela à boca, ao passo que os portugueses levam sempre a sopa à boca fazendo uso duma colher, tal como levam à boca outros alimentos mais sólidos, fazendo uso do garfo. Percebe-se pois facilmente o porquê da diferença entre os termos «beber» e «comer», quando nos referimos à sopa. Mas sem uma análise ao nível da cultura, simples ou aprofundada que seja, este contributo para a consolidação das noções linguísticas nunca chega a existir. E, assim sendo, e se dependendo apenas e exclusivamente da memória, é evidente que a aprendizagem corre muito mais riscos de ser deficiente.

O terceiro aspecto que aqui se pretende abordar na identificação das realidades do ensino do português como língua estrangeira em Macau é o uso efectivo da língua por parte dos seus aprendentes.

Evidentemente os alunos não vão ser colocados numa sociedade lusófona pura, mas numa sociedade multicultural onde, há mais de quatrocentos anos, se usam não só o chinês e o português, mas tantas outras línguas. Os alunos vão pois usar duas línguas simultaneamente, ou uma língua «de mistura», não duas línguas separadas e muito menos uma só língua. Este factor é extremamente importante, pois obrigatoriamente os alunos, futuros tradutores-intérpretes ou não, têm de encontrar um equivalente na sua língua materna logo que se debatem com um novo termo, expressão ou estrutura da língua estrangeira, esforçando-se difícil e necessariamente, de forma solitária ou solidária, para nivelar o fosso cultural e linguístico ou construir uma ponte sobre as duas línguas e sobre as duas culturas. Inevitavelmente, a necessidade da tradução torna-se realidade. Pode tratar-se duma tradução elementar e não daquilo a que geralmente damos o nome de tradução (enquanto profissão, tarefa ou ocupação específica); mas trata-se da necessidade de verter termos, ideias e conceitos, duma língua para outra.

Muitos teóricos ocidentais especialistas em tradução afirmam peremptoriamente que aprender uma língua estrangeira consiste na aprendizagem da tradução (Elisabeth Lavault, *Function de la traduction en didactique des langues*, Collection «Traductologie» n.º 2, Didier Erudition, Paris, 1985). Um número considerável de famosos tradutores e pedagogos da China e de Hong Kong opinam também que a tradução é um dos mais importantes meios de aprendizagem duma língua estrangeira. Pode pois afirmar-se, em resumo, que o exercício da comparação entre as duas línguas é um método eficaz para os alunos chineses aprenderem o português.

Antes de nos debruçarmos sobre o ensino das línguas ocidentais na China, julgamos necessário realçar que uma língua estrangeira, fortemente ligada à língua materna, tem mais hipóteses de sobreviver às circunstâncias multiculturais do território de Macau.

Na China não existem cursos superiores de tradução. O ensino de língua estrangeira e o ensino da tradução são enquadrados num mesmo curso de língua, tanto ao nível elementar como mais avançado.

São evidentemente necessários tanto professores chineses bilingues, como professores estrangeiros. Um professor chinês e um estrangeiro, em qualquer estágio de ensino, podem até sentar-se juntos na mesma sala de aulas, entrando numa cooperação que melhor se adapta às realidades - aproveitam-se na medida do possível o papel vinculativo do professor chinês e a originalidade linguística e cultural do professor estrangeiro.

Os alunos chineses começam, em geral (à excepção do inglês) do zero. Após os habituais quatro anos do curso, dominam razoavelmente a língua estrangeira e os métodos e teorias básicas de tradução, podendo nessa altura executar sem grande dificuldade traduções sem grandes requisitos técnicos. O seu domínio da língua estrangeira é ainda básico, mas a ligação entre as duas línguas, ao nível da compreensão, etc., relativamente equilibrada e satisfatória. É essa ligação que constitui o

ponto chave para se atingir a nossa meta, pois os alunos chineses de Macau vão viver e trabalhar num ambiente multicultural. O que será importante sublinhar aqui, é que essa ligação inter-linguística dificilmente se realiza exclusivamente à custa dos próprios esforços dos alunos, sobretudo, quando se trata de noções ou ideias abstractas e/ou mais complexas, e os alunos se encontram ainda numa fase inicial. Incapazes de apanhar essas ideias e de as explicar noutra língua, nomeadamente o português, é imprescindível reconhecer que ao professor se deve crédito inegável. Mais importante ainda será referir que o nível de domínio, relativamente satisfatório, da língua portuguesa, e nível de tradução mais alto, dos alunos do continente chinês (e que é reconhecido por muitos professores portugueses), se deve, entre outros factores, ao facto de o ensino na República Popular da China (RPC) ser bilingue, nomeadamente, e com grande ênfase, no primeiro e mesmo segundo anos lectivos. Este ensino de «base bilingue» é reforçado com exercícios práticos variados e constantes, de nível elementar e básico, sintetizados ao nível da língua, tradução e cultura, que começam na primeira aula, e vão sendo reforçados progressivamente ao longo dos quatro anos do curso. A razão reside em que a disciplina de tradução, não sendo uma disciplina puramente teórica, nem meramente cumulativa (em termos de conhecimento da língua, cultura, teoria e metodologia da tradução), visa formar sobretudo indivíduos com a capacidade real de usar a língua, traduzir ou serem tradutores-intérpretes (esta sendo a nossa meta). Esta meta cria-se, reforça-se e eleva-se através da prática, quantitativa e qualitativa, intensiva, com uma dose de teoria necessária e suficiente. Os quatro anos de prática intensiva de tradução e língua (a língua, falada e escrita, deve estar inevitável e propositadamente envolvida) resultam com certeza melhor do que um, dois ou três anos de prática exclusiva de língua; e melhor também do que as duas línguas tratadas separadamente, para depois se leccionar, então já em conjunto, a tradução-interpretação.

Para resumir isto, não podemos deixar de afirmar que os três anos (no nosso caso) ou quatro anos (no caso do continente chinês) não são suficientes para o aluno chinês dominar realmente uma língua ocidental nem para ser um tradutor-intérprete competente. «Justapor» duas disciplinas, «esticando» o espaço de tempo disponível de um curso como o nosso, pode ser uma consideração pragmática e viável.

2. CONSIDERAÇÕES

Com esta exposição superficial, torna-se, esperamos, mais acessível e fácil identificar o papel que o ensino da tradução deve desempenhar junto do ensino do português como língua estrangeira em Macau, e paralelamente a formulação de algumas considerações que se poderiam tomar para o ensino do português.

Primeiro, deve considerar-se a tradução parte integrante do ensino do português, o ensino do português não podendo ser apenas o ensino de

uma língua estrangeira. E, partindo desta consideração, gostaríamos de propor uma reestruturação e coordenação das duas disciplinas, que podem continuar a ser separadas, mas devem ser coerentes, e tratadas como uma, quanto ao seu conteúdo/materiais a leccionar.

Quanto à tradução, para além das suas próprias tarefas - a metodologia, as técnicas concretas, as teorias básicas de tradução e as práticas de tradução - é necessário ainda recorrer ao bilinguismo para esclarecer dúvidas, consolidar noções básicas linguísticas, e identificar a diferença e as nuances de carácter cultural existentes, e de outro modo imperceptíveis!, bem como ajudar o professor de português a identificar os problemas dos alunos chineses ao nível da língua e cultura, passando-se o fulcro do ensino do português para a tradução.

No que diz respeito ao ensino do português, poderão figurar talvez as seguintes considerações: reestruturar o material didáctico, tomando em maior consideração as necessidades locais em vez das exigências do ensino standardizado de português, as necessidades de ser tradutor-intérprete ou pessoal bilingue em Macau e não só as da língua, assim como as particularidades dos alunos chineses; condensar e sistematizar mais a exposição, dando mais espaço de tempo à exemplificação, à explicação do sentido fundamental e empregos principais dos vocábulos mais usuais, especialmente dos verbos e preposições surgidos nos textos das lições; criar mais oportunidades de prática e exercícios para os alunos, que devem acompanhar cada um dos fenómenos linguísticos a expor; utilizar um método semelhante à tradução, como por exemplo, depois de dar a conhecer um novo termo, expressão ou fenómeno linguístico, pedir-se que o aluno encontre o seu equivalente em chinês e indique as diferenças ou nuances linguísticas e/ou culturais, em relação à língua de partida (mesmo quando o professor não conhece a língua de chegada e seu fundo cultural, obriga-se assim os alunos a proceder a análises ao nível de comparação e tradução), facilitando a identificação das dificuldades concretas dos alunos, que devem ser canalizadas para as aulas de tradução, quer pelos alunos quer através da coordenação dos dois professores.

3. CONCLUSÃO

De forma muito breve, sugere-se que:

1 - O ensino do português, falado e escrito, a alunos chineses de Macau passe por uma maior integração com o ensino da tradução-interpretação;

2 - Os professores colaborem mais estreitamente, e coordenem a sua actividade de modo a responder às necessidades específicas locais dos alunos chineses (e é necessário perceber e reconhecer que estas são diferentes das dos alunos ocidentais, e que a metodologia e pedagogia aprovadas no Ocidente não são completamente adequadas à realidade do aluno do Território!);

3 - Cadeiras de matérias até agora entendidas como mais ou menos independentes e desligadas possam convergir para criar uma nova

metodologia do ensino do português como segunda língua a alunos chineses, e que haja uma maior coordenação inter-disciplinar, aliás em muitos casos totalmente inexistente.

Acreditamos que se consideradas estas directivas, mais depressa nos podemos aproximar da meta que nos propomos atingir com o ensino do português como segunda língua em Macau.

